Estudos em variação linguística nas línguas românicas

Coordenação
Lurdes de Castro Moutinho
Rosa Lídia Coimbra
Elisa Fernández Rei
Xulio Sousa
Alberto Gómez Bautista

universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Estudos em variação linguística nas línguas românicas

EDITORES
Lurdes de Castro Moutinho, Rosa Lídia Coimbra, Elisa Fernández Rei,
Xulio Sousa, Alberto Gómez Bautista

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME
Alexsandro Rodrigues Meireles (Universidade Federal do Espírito Santo), Antonio Romano (Universidade de Turim), Francisco Dubert (Universidade de Santiago de Compostela), Helena Rebelo (Universidade de Madeira), Izabel Christine Seara (Universidade Federal de Santa Catarina), Leandra Batista Antunes (Universidade Federal de Ouro Preto), Maria Teresa Roberto (Universidade de Aveiro), María Victoria Navas Sánchez-Élez (Universidade Complutense de Madrid), Paolo Mairano (Université de Lille), Regina Célia Fernandes Cruz (Universidade Federal do Pará), Rosa Maria Lima (Escola Superior de Educação Paula Frassinetti), Sandra Madureira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Valentina De Iacovo (Universidade de Turim), Vanessa Gonzaga Nunes (Universidade Federal de Santa Catarina) e os editores desta publicação.

EDITORA
UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.ª edição – julho 2019

ISBN
978-972-789-600-4

IMAGEM DA CAPA
Pixabay

APOIOS AO EVENTO

Ministerio de Economía e Competitividade (referencia FFI2015-65208-P)
Fondo Europeo de Desenvolvemento Rexional (FEDER, marco financeiro plurianual 2014-2020)

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS PRONOMES PESSOAIS DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL E NA MADEIRA

Lorena da Silva Rodrigues

Aline Bazenga

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS PRONOMES PESSOAIS DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL E NA MADEIRA

Lorena da Silva Rodrigues
(Universidade Federal do Ceará)[1]

Aline Bazenga
(Universidade da Madeira)

Resumo
Este trabalho analisa a categoria *caso* nos pronomes de terceira pessoa no Brasil e na Ilha da Madeira, a partir da descrição das variantes *o, ele, lhe* e anáfora zero na função de objeto direto, analisadas à luz do Sociofuncionalismo. Observamos que as duas comunidades se aproximam linguisticamente, pois o sistema pronominal da Língua Portuguesa está em processo de mudança avançado nas variantes brasileira e madeirense, em comparação ao Português Europeu Continental. Acreditamos que fatores cognitivos e culturais (LABOV, 2010), partilhados durante a mobilidade portuguesa nesses dois espaços, estariam no centro dessas mudanças linguísticas.

Palavras-chave
Variação linguística; Pronomes Pessoais; Clíticos; Categoria de caso; Português falado na Madeira; Português Brasileiro.

Abstract
This work analyses the category of case of personal pronouns in the personal pronouns of the third person in Brazil and Madeira, from the description of the variants *o*, *ele*, *lhe* and zero anaphora in the function of direct object of–third person, analysed in the light of Sociofunctionalism. We observe that the two communities approach linguistically, for the pronominal system of the Portuguese Language is in the process of advanced change in the Brazilian and Madeiran variants, compared to continental European Portuguese. We believe that cognitive and cultural factors (LABOV, 2010), shared during the Portuguese mobility in these two spaces, would be at the centre of these linguistic changes.

Keywords
Linguistic variation; Personal pronouns; Clitics; Case category; Portuguese spoken in Madeira; Brazilian Portuguese.

[1] Este artigo é resultado da pesquisa realizada durante doutoramento em linguística com período de estágio sanduíche no exterior financiada pelo programa PDSE, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

1. INTRODUÇÃO

As línguas estão em constante mudança, sendo refletidas, no sistema linguístico, transformações históricas, sociais, culturais, entre outras, dentro de uma determinada comunidade de fala. O sistema pronominal da língua portuguesa ilustra bem o processo de variação e de mudança, ao considerarmos, por exemplo, as variantes geográficas. Com base nisso, tomamos como comparação a língua portuguesa falada no Brasil e na Madeira.

O recorte geográfico de nosso estudo partiu dos dados de Carrilho e Pereira (2011) quando estas observaram que as estruturas sintáticas do Português Europeu Insular (PEI), na variedade madeirense, em muito se aproximavam do Português Brasileiro (PB). São exemplos de variantes do PEI, segundo as autoras, i) a concordância frásica de terceira pessoa do plural com o sujeito *a gente* (*A gente* não davam nome nenhum aquilo [MIG]. Em PE padrão: A gente não dava nome nenhum àquilo ou Nós não dávamos nome nenhum àquilo); ii) construção impessoal com o verbo *ter* existencial (Mas *tinha* muitos moinhos por aqui fora [CHL]. Em PE padrão: Mas havia muitos moinhos por aqui fora); iii) construção perifrástica de verbo aspectual seguido de gerúndio (Estão *ardendo*. Em PE padrão: Estão a arder) e iv) sintagmas com possessivo pré-nomimais não precedidos de artigos (Mas *meu pai* tinha era gado [PST]. Em PE padrão: Mas o meu pai tinha era gado).

Além dos casos apresentados, as autoras destacam o objeto direto pronominal, escopo também de Bazenga (2011), a qual, ao coletar e ao organizar o *Corpus* Sociolinguístico do Funchal, observou cinco variantes, exemplificadas a seguir, como formas que codificam o O.D. no Português falado no Funchal. São elas:

- Clítico **-o**

(1a) […] jogava-**o** po chão (FNC11_MA1:032)
(1b). […] é normal que a seguir prevaleça e **os** corrija de com maior cuida do do que corrija o meu teste. (FNC-MA3.1:101)

- Nulo **ϕ**

(2a). […] faço o jantar sirvo **ϕ** [sirvo-o] à família (FNC11_MA1:010)
(2b). o meu pai falava comuigue e eu ouvuia ϕ [ouvia-o] logue (FNC11_MA1:082)

- Repetição lexical

(3a). gostava de comprar uma **mota**_ e os meus pais detestam **motas** [detestam-nas] (FNC-HA1:004)
(3b). queria a **minha roupa** vestia a minha **roupa** [vestia-a] (FNC11_MA1:067)

- Pronome ***ele***

(4a). ponho **ele** a ver boneques [bonecos] (FNC11_MA1243)

(4b). mete [meto] **ele** andar de bicicleta (FNC11_MA1243)

(4c). e depois o maride deixou ela e ficou na na quinta (FNC11_MC1.1453)

- Pronome ***lhe***

(5a). tento-lhe explicar e lhe informar [informá-lo] sobre as coisas (FNC11_HA1426)
(5b). levo-lhe [levo-o] a escola (FNC11_MA1006)
(5c). eu não gostava dele nem lhe [nem o podia] podia ver a frente (FNC11_MA1204)

Como resultado desta amostra, Bazenga (2011) concluiu que o uso das variantes pronominais não-padrão ocorre com maior frequência entre falantes mais jovens e de menor nível de escolaridade. O uso do pronome *ele* em função acusativa ocorreu em todas as faixas etárias (18-35/ 36-55/ 56-75) e em todos os níveis de escolaridade. No que se refere ao pronome *lhe* como O.D. de 3ªp., somente houve ocorrências na faixa etária inicial e na fala dos madeirenses com apenas o ensino básico.

Diante desse panorama, Rodrigues e Bazenga (2017) investigaram, por meio de teste de percepção e de avaliação com estudantes da Universidade da Madeira, as variantes *ele* e *lhe* em função acusativa. Nos inquéritos, observou-se que, ainda que gozem de um alto índice de estigmatização, os informantes admitiram e reconheceram o uso desses pronomes. Seis fatores condicionantes foram elencados no estudo, a saber: a) sexo do informante: mulheres reconhecem o *lhe* como variante mais estigmatizada, evitando o seu uso; b) permanência na Ilha: maior aceitação do *lhe* por falantes que não moraram fora da Ilha e do *ele* por falantes que já viveram fora da Madeira; c) valor semântico do OD: os pronomes *ele* e *lhe* foram avaliados positivamente quando se referiam a um OD [+ humano]; d) gênero do OD: não houve análise estatística no que se refere a esse fator; e) tipo da forma verbal: o pronome *ele* foi avaliado positivamente diante de formas verbais simples e f) posição do pronome: uso preferencial da ênclise, mesmo em contexto de próclise.

Após esta pesquisa inicial, Rodrigues (2018), com base em dados reais de fala e de escrita, aprofundou o estudo acerca da variação e do uso dos pronomes de 3ªp. em posição de objeto direto em perspectiva sociofuncionalista, pois a descrição e análise dos dados ancorou-se na Sociolinguística Quantitativa (Weinreich, Labov & Herzog, 2006; Labov, 1978, 1994, 2001, 2008 e 2010) e nos princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação, a partir de Givón (1984, 1990, 1995 e 2005). Desta forma, este artigo tem por objetivo apresentar os

resultados do que se refere ao fator condicionante *localidade*, uma vez que o grupo se mostrou relevante, estatisticamente, no processo de variação e mudança linguística do português.

2. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A pesquisa de Rodrigues (2018) visou a: (a) descrever o paradigma dos pronomes pessoais do português brasileiro e europeu, no que concerne à categoria caso e (b) estabelecer relações entre nossas variantes *o*, *ele*, *lhe* e a anáfora zero e os fatores de controle *continuum* oralidade/escrita; propriedades semânticas do OD; tipo da forma verbal ao qual o acusativo complementa; a posição do pronome; período histórico, sexo do informante, nível de escolaridade, idade e localidade. Desse modo, seguiu orientação teórica sociofuncionalista, pois se enquadra no modelo teórico-metodológico que se caracteriza por estabelecer relações entre língua, sociedade e contexto discursivo. Por esse modelo de análise, há a possibilidade de sistematizar a variação existente na língua, a partir de um domínio funcional específico.

O estudo está centrado na noção, própria da Sociolinguística laboviana, de envelope de variação isto é, foi delimitada a **variável** "marcação do caso acusativo em 3ª pessoa no português brasileiro e europeu", à qual correspondem as seguintes formas **variantes**: o clítico *o* (e suas flexões), o pronome do "caso reto" *ele* (e suas flexões) e a anáfora zero. Cada uma dessas variantes será favorecida por determinados contextos, aos quais chamaremos de **fatores controle**. Por fim, após coletados os dados, eles foram analisados no programa GOLDVARB X, um sistema de investigação estatística própria para o tratamento da variação linguística. Juntamente à análise sociolinguística, utilizou-se a teoria funcionalista para a interpretação dos dados, a partir dos princípios de iconicidade e de marcação, justificando, assim, o posicionamento sociofuncionalista.

Com base nisso, alguns conceitos merecem destaque. Primeiramente, a noção de língua enquanto objeto social que varia e muda em diversos contextos e condicionada por motivos linguísticos e extralinguístico. Dentro desse modelo de sistema em variação, encontra-se o conceito de variantes linguísticas, que são duas formas que "podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado" (Coelho *et al.*, 2010).

Dentro desse modelo teórico, comumente chamamos de variável o lugar na gramática em que localizamos variação, de forma mais abstrata – no nosso caso, como dito anteriormente, a **variável** com a qual estamos lidando é a da expressão pronominal do objeto direto de terceira pessoa. Chamamos de **variantes** dessa variável as formas individuais que "disputam" pela

expressão da variável – no nosso caso, os pronomes *-o, ele, lhe* e anáfora zero. (Coelho *et al.*, 2010, p. 26).

Com objetivo de sistematizar a variação linguística, Labov (2008) considera a investigação dos fatores linguísticos e extralinguísticos para descartar a noção de variação livre, pois, além de explicar os fenômenos linguísticos com outros fenômenos linguísticos, devem ser considerados condicionamentos sociais para as variantes.

À descrição detalhada do fenômeno variável, em que são elencados a regra variável, as variantes e os fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos, dá-se o nome de **envelope de variação.**

Destacamos ainda, dentro do quadro da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, os princípios de divergência e convergência propostos por Labov (2010), somando as dimensões cultural e cognitiva ao estudo da mudança linguística. Tais princípios são caros ao nosso estudo, pois tratamos de comunidades diferentes e distantes geograficamente que partilham alguns traços culturais. Desse modo, apoiados nesse novo ponto de vista, podemos explicar por que povos que vivem afastados territorialmente, como Brasil e Madeira, manifestam padrões semelhantes, enquanto a ilha diverge sintaticamente de Portugal continental.

Somando-se a isso, temos os princípios do Funcionalismo linguístico da iconicidade e da marcação. Givón (1995, p. 58) diz que: "as categorias que são estruturalmente mais marcadas são também substantivamente mais marcadas". Por mais marcada, associamos três ideias: a complexidade estrutural, a complexidade cognitiva e a distribuição de frequência. Assim, um sistema pronominal com uma diversidade de formas para uma mesma função tende a evitar a forma mais marcada estruturalmente por sua maior complexidade cognitiva e por sua baixa frequência. Partindo dessa ideia de que não há uma relação biunívoca entre forma e função, encontramos um ponto de diálogo entre teorias.

2.1. Formação dos *corpora*

Os resultados apresentados neste artigo são fruto da análise de dados de dois *corpora*, um *corpus* de fala e um *corpus* de escrita. O primeiro pertence ao projeto Concordância[2], da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que apresenta entrevistas de falantes de Lisboa, Funchal e Rio de Janeiro, estratificados sociolinguisticamente conforme o quadro a seguir:

[2] Vieira, Silvia Rodrigues; Brandão, Silvia Figueiredo. CORPORAPORT: Variedades do Português em análise. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. Disponível em: <www.corporaport.letras.ufrj.br.> Acesso em: 05/01/2019.

Quadro 08. Estratificação da amostra de dados orais

Localidades	**Faixa etária**	**Nível de escolaridade**	**Sexo**
RJ - Copacabana	A: 18 a 35 anos	1: Fundamental – 2.º segmento (6.º ao 9.º ano)	Masculino
RJ – Nova Iguaçu			
Lisboa – Oeiras	B: 36 a 55 anos	2: Médio (10.º ao 12.º ano)	Feminino
Lisboa – Cacém			
Funchal	C: 56 a 75 anos	3: superior	
5 células x 3 células x 3 células x 2 células = 90 informantes[3]			

Fonte**:**http://www.concordancia.letras.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=36&Itemid=59 (adaptado)

Os dados de escrita foram coletados por Rodrigues (2018) formando um *corpus* de textos do domínio jornalístico de três gêneros textuais distintos – entrevista, notícia e editorial – em jornais editados nas mesmas cidades que formam a amostra de fala, a saber: Jornal do Brasil (Rio de Janeiro); Diário de Notícias da Madeira (Funchal) e Diário de Notícias (Lisboa).

3. RESULTADOS

O foco deste artigo é destacar os resultados no tocante ao fator extralinguístico *localidade*. Optamos por apresentar o grupo completo, incluindo os resultados dos dados de Lisboa para fins comparativos e contrastivos com os dados do Rio de Janeiro e do Funchal.

Além disso, em uma segunda secção, discutiremos brevemente o resultado dos demais fatores arrolados por Rodrigues (2018).

3.1. O fator extralinguístico *localidade*

Ao elencarmos o fator extralinguístico localidade na pesquisa, tínhamos como objetivo testarmos a hipótese de que a frequência de produção do clítico era maior no PE, tanto na fala quanto na escrita. O pronome *ele* seria amplamente utilizado na fala brasileira e o *lhe* na madeirense. No que se refere aos dados do Funchal notaremos uma frequência, relativamente

[3] Apenas um informante por célula.

alta, em comparação com os dados de Lisboa, das variantes estigmatizadas e consideradas como "brasileirismos". Observe a Tabela 1:

Tabela 01. Influência do fator *localidade* no uso do clítico

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Funchal	183/335	54,6%	0.829
Lisboa	97/335	29%	0.684
Rio de Janeiro	55/335	16,4%	0.167

Fonte: Rodrigues (2018)

Os exemplos a seguir mostram, respectivamente, o uso do clítico pelos falantes do Funchal, de Lisboa e do Rio de Janeiro.

(06) eram outros tempos ehh eram outras circunstâncias uma pessoa tava mais sujeita ehh a ter que ajudar em casa ehh o meu pai sempre foi uma pessoa muito prontos desculpe o termo possessiva e muitas vezes ehh era obrigado ehh a ajudá-**lo** em deteminadas tarefas domésticas apesar de também ter estudado não tanto quanto queria mas pronto a vida assim não **o** permitiu (FNC-C-2-H)

(07) eu acho que - eu acho que não traz influências negativas as pessoas podem é torná-**la** negativa ah - a televisão hum – informa também mostra o que que há aí fora informa e até – dá dicas ou ajuda como é que a pessoa deve fazer se a pessoa ali se encontrar já é um problema da pessoa não acho que seja uma influência negativa – nesse nessas nesse assunto não é? (LIS-B-2-M)

(08) só não vale é botar um monte de criança no mundo e não ter como fazer para / para fazê-**lo** ge / gente grande [gente descente ...(NIG-3-C-M)

Vale fazer uma ressalva que o tamanho da amostra do Rio de Janeiro deve-se majoritariamente aos dados de escrita, uma vez que, na fala fluminense apenas dois dados foram relativos ao clítico. A variante mais produtiva na localidade foi a anáfora zero, segundo podemos conferir na tabela 2. Aliado à alta frequência da forma, o peso relativo de 0.644 aponta que o objeto nulo é favorecido no português brasileiro, dialogando com as pesquisas de Duarte (1989) e de Freire (2005).

Tabela 2. Influência do fator *localidade* no uso da anáfora zero

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Funchal	62/246	25,2%	0.379
Lisboa	42/246	17%	0.451
Rio de Janeiro	142/246	57,7%	0.644

Fonte: Rodrigues (2018)

Os dados a seguir mostram a realização da anáfora zero no Funchal; em Lisboa e no Rio de Janeiro, respectivamente.

(09) porque no meu caso hum hum o meu pai falava **comuigue** [comigo] e eu **ϕ ouvuia** [ouvia] **logue** [logo] tinha que **ouvuir** [ouvir] **ϕ** senão tinha umas chapadas no focenhe [focinho] (FNC-A-1-M)

(10) adoro **ϕ** [o trabalho] (LIS-A-3-M)

(11) o PROCON... eh:/ eu resolvi tudo até resolvi/ teve/ teve uma época que resolvi... fui aí o moço falou assim "ah você compra hidrômetro" aí ele pediu não sei quanto aí eu achei que ele tava era trapaceando aí então peguei **ϕ** e não aceitei **ϕ** ele ia fazer só pra mim... aí fechou aí não fez nada deveria até ter dado né (RIO-2-C-M)

A tabela 3 confirma duas de nossas hipóteses: o *ele* como pronome muito produtivo no português brasileiro e a notável diferença percentual do uso da forma no português europeu insular quando comparada ao português europeu continental. Porém, mesmo com relativa frequência nos dados funchalenses, o pronome pleno somente é favorecido estatisticamente na variante brasileira.

Tabela 3. Influência do fator *localidade* no uso do pronome *ele*

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Funchal	15/81	18,5%	0.477
Lisboa	01/81	1,3%	0.039
Rio de Janeiro	65/81	80,2%	0.871

Fonte: Rodrigues (2018)

Semelhante à frequência do clítico na fala brasileira, o pronome pleno só teve uma única ocorrência na fala lisboeta. Os exemplos a seguir, ilustram o uso dessa forma no Funchal, em Lisboa e no Rio de Janeiro, respectivamente.

(12) levou **ele** à cozinha uã gaveta cheia de facas de ponta ela disse olha se tu descobres a alguém _ que eu sou feiticeira a tua vida tá aqui_ e mostrou a faca a ele (FNC-B-1-M)

(13) mas tenho o meu marido como tem um trabalho que anda na rua aproveita - pega **ele** leva para o trabalho dele eu quando saio vou buscá-lo ao trabalho dele (LIS_B_1_M)

(14) eu gosto muito admiro muito **ele** [Lula] (RIO_2_B_M)

O estudo do sistema de casos nos pronomes de terceira pessoa em nossa tese foi redimensionado ao optarmos por estudar a variante madeirense. Além de encontrarmos no espaço europeu uma comunidade com comportamento sintático semelhante ao brasileiro no que se refere ao pronome *ele*, ainda nos foi apresentado o pronome *lhe* assumindo função de acusativo de terceira pessoa. No teste de avaliação e percepção (RODRIGUES, 2018), postulamos que essa variante tivesse um menor grau de estigma pelo fato de os falantes reconhecerem-na como um regionalismo da Ilha. Após esse estudo inicial, esperávamos que apenas nos dados do Funchal ocorresse o *lhe*, porém, na amostra de Lisboa, também houve casos de uso da forma, conforme ilustra a tabela 4.

Tabela 4. Influência do fator *localidade* no uso do pronome l*he*

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL	PERCENTUAL
Funchal	4/6	66,7%
Lisboa	2/6	33,3%
Rio de Janeiro	00	00

Fonte: Rodrigues (2018)

Os exemplos a (15) e (16) são, respectivamente da amostra madeirense e da lisboeta.

(15) como começou foi tão romântique [romântico] _ foi assim_ a minha cunhada a minha cunhada ah namora [namorada] a melher [mulher] do meu irmão o fábio é irmã de do homem qu`eu [que eu] tou [estou] agora foi esse actual mo meu namorado _ e e o nessa altura eu não gostava dele nem **lhe** podia ver à frente _ (FNC-A-1-M)

(16) neste momento têm uma língua praticamente deles é o oficial é português mas têm uma língua deles praticamente eles falam entre si e ninguém ninguém **lhes** [os africanos] percebe agora a cultura deles temos que respeitar isso se vocês estão a desenvolver uma língua (OIA_B_1_H)

A presença do pronome *lhe* na amostra de Lisboa, por falantes diferentes, contrariou nossa expectativa uma vez que não existem estudos que deem conta desse uso. Porém, somente

a partir de estudos mais aprofundados é que podemos afirmar que essa seja uma variante específica da comunidade, em função do número reduzido de dados e de informantes.

3.2. Demais fatores controlados

Conforme dito anteriormente, Rodrigues (2018) em sua análise de dados de fala e de escrita controlou os seguintes fatores: *continuum* oralidade/escrita; propriedades semânticas do OD; tipo da forma verbal que o acusativo complementa; a posição do pronome; período histórico, sexo do informante, nível de escolaridade, idade e localidade

A frequência das variantes ficou assim distribuída: 50% de uso do clítico *o*; 37% de ocorrências do objeto direto anafórico; 12% do pronome *ele* e 1% do pronome *lhe.* A grande frequência do clítico e da anáfora deve-se ao fato de que somente essas duas formas ocorreram nos dados de escrita.

Para a variante *o*, foram selecionados os seguintes grupos de fatores como condicionantes: a) faixa etária (56 a 75); b) grau de escolaridade (ensino médio e ensino superior); c) gênero textual (notícia e editorial); d) período histórico (décadas de 70 e de 2000); e) propriedade semântica do objeto direto (+ humano); f) tipo da forma verbal (composta); g) localidade (Lisboa e Funchal) e h) *continuum* fala x escrita (escrita).

Para o pronome *ele*, cinco fatores foram selecionados, a saber: a) faixa etária (36 a 55 e 56 a 75); b) escolaridade (ensino fundamental); c) sexo do informante (feminino); d) localidade (Rio de Janeiro) e e) propriedade semântica do OD (+ humano).

Para a anáfora zero, foram selecionados os fatores a) faixa etária (18 a 35); b) gênero textual (entrevista); c) *continuum* fala x escrita (fala); d) período histórico (décadas de 80, 90, 2010); e) localidade (Rio de Janeiro); f) traço semântico do objeto (- humano) e g) tipo da forma verbal (simples).

Para o pronome *lhe*, apenas um fator condicionante foi selecionado, a propriedade semântica do objeto (+ humano).

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os resultados obtidos por Rodrigues (2018) vão ao encontro de inúmeras pesquisas que concluem que o sistema pronominal da Língua Portuguesa está em processo de mudança avançado nas variantes brasileira e madeirense, em comparação com o Português Europeu Continental.

No que se refere à não distinção de formas entre nominativo, acusativo e dativo, na terceira pessoa, apontamos para uma mudança em que o sistema de casos passa a um sistema referencial, apenas (Freire, 2005; Rodrigues, 2018).

Nesse contexto, advogamos pela tese de uma identidade sintática que liga as ex-colônias portuguesas no que se refere ao domínio discursivo dos pronomes pessoais. Ainda que haja a consciência linguística de que o clítico *o* seja a norma padrão, os sujeitos reconhecem o uso das variantes que os singularizam enquanto comunidade de fala.

Labov (2010) fala-nos sobre convergência como um dos princípios que regem a mudança linguística. Esse princípio pode ser ilustrado com o uso dos pronomes *ele* e *lhe*, uma vez que, mesmo sem haver contato linguístico entre comunidades de fala de uma sintaxe pós-colonial, afastadas geograficamente, traços culturais partilhados historicamente pela lusofonia convergem nesses grupos de fala.

5. REFERÊNCIAS

Bazenga, A. (2011). Aspectos do português falado no Funchal e variedades do Português, *III SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa)*, Macau: Universidade de Macau.

Carrilho, E. & Pereira, S. (2011). Sobre a distribuição geográfica de construções sintácticas não-padrão em português europeu. *In: XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Anais)*, Lisboa, APL, pp. 125-139.

Coelho *et al.* (2010). *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC.

Duarte, M. E. L. (1989). Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: Tarallo, F. (org). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes/Unicamp.

Freire, G. C. (2005) *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Givón, T. (1984). *Syntax***:** a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Givón, T. (1990). *Syntax:* a functional-typological introduction. v.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Givón, T. (1995). *Funcionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Givón, T. (2005). *Context as other minds:* the pragmatics of sociality, cognition and communication. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Labov, W. (1978). Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic working paper*, 44. Texas.

Labov, W. (1994). *Principles of linguistic change*: Internal factors. v.1. Cambrigde, MA: Blackwell.

Labov, W. (2001). *Principles of linguistic change***:** social factors. v.2. Oxford: Blackwell.

Labov, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.

Labov, W. (2010). *Principles of linguistic change*: cognitive and cultural factors. v.3. Oxford: Blackwell.

Rodrigues, L. S. (2018). *O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu*. Tese de doutorado em linguística. Fortaleza, PPGL, Universidade Federal do Ceará.

Rodrigues, L. S. & Bazenga, A. (2017). A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: "estou estudando ela" em perspectiva sociolinguística. In: Ferreira, A. M., Morais, C., Brasete, M. F. & Coimbra, R. L. (Org.). *Pelos mares da língua portuguesa* (Anais). 1ªed. Aveiro: UA Editora - Universidade de Aveiro, v. 3, p. 981- 993.

Weinreich, U., Labov, W. & Herzog, M. (2006) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola.